

Sinais Iconográficos em Camilo Pessanha

RUI DE CARVALHO *

RESUMO: Visualidades¹ — É sabido que, a partir de certa altura da vida, as fotografias do poeta, por seu interesse, passaram a privilegiar angulações à luz da face esquerda, tendo em mente aligeirar o olhar assimétrico, que não o favorecia, nesse simulacro de representação e de deslocação, Como o do retrato. Eis Camillo Pessanha, simbolista, trazido às poéticas contemporâneas! Simples subversão de um paradoxo, ou mera traição à anacrónica memória da imagem? Provavelmente, consequência heurística de imperativos da ilustração gráfica, ou, tão-só, comodidade de expressão estética que se cinge à mera reprodução mecânica ou digital. São processos técnicos, que, apesar de tudo, operam transformações de significação, próprios da imagem manuseada, deixando-nos reféns perante o dilema do visível, característica ambivalente das imagens, que, por isso mesmo, nos causam inquietação e interrogações na atribuição de sentido entre a sombra e o sonho.

PALAVRAS-CHAVE: Sinais iconográficos; Visualidades; Poéticas contemporâneas; Heráldica; Imagética

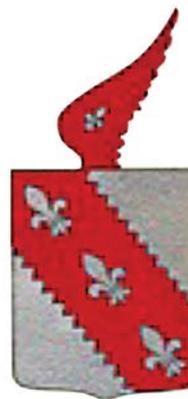
“Não me descubras, se a liberdade te é cara, porque a minha face é cárcere do amor.”²

Para Edgar Morin, todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Estar disponível ao espanto é já de si um acto autotélico — o de sentir a experiência que porporcionam, por exemplo, as reflexões sobre a imagem de Didi-Huberman, Belting e, mais recentemente, Horst Bredekamp, que nos dá conta da matéria da imagem ter estado em “abstinência” por parte da filosofia. É assunto absolutamente nuclear, contemporâneo, mormente à luz de emergentes

instrumentos teóricos e críticos.

É este o brasão dos Pessanha, na laje tumular de Camilo, lavrado em pedra de granito ‘ouro do deserto’, de figuração “armoriada [quase] desprovida de referências sentimentais ou mesmo alusões à condição literária... numa afirmação tão pomposa quanto frágil”.³

Não obstante um brasão de armas ser definido, não visualmente, mas antes pela sua descrição escrita, a qual é feita segundo uma linguagem própria, a linguagem heráldica, achei por bem optar por uma descrição enérgica, na leitura da sua simplicidade visível, depurada, como é — escudo em campo de prata, uma



*Licenciado em Design de Produção Visual pela Escola Superior de Design do IADE-Creative University, Pós-Graduado em Ambientes Virtuais de Aprendizagem-TIC, pelo Instituto Piaget, Almada, e Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia de Lisboa, Universidade de Lisboa. Natural da Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, residiu por longos períodos em Angola, Macau e Portugal, como docente e em funções técnico-pedagógicas, designer de produto, produção, edição gráfica e editorial.

Holds a degree in Visual Production Design from the IADE-Creative University, is a Post-Graduate from Instituto Piaget, Almada, in Virtual Environments for Learning-ICT, and Education Sciences by the Faculdade de Psicologia de Lisboa, Universidade de Lisboa. Native of Santo Antão Island, Cape Verde he has been living and working in Angola, Macao and Portugal, as a teacher and in technical-pedagogical functions, product designer, production and editorial edition.



Camilo Pessanha, Abril de 1916, pouco antes de regressar a Macau. In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005⁴

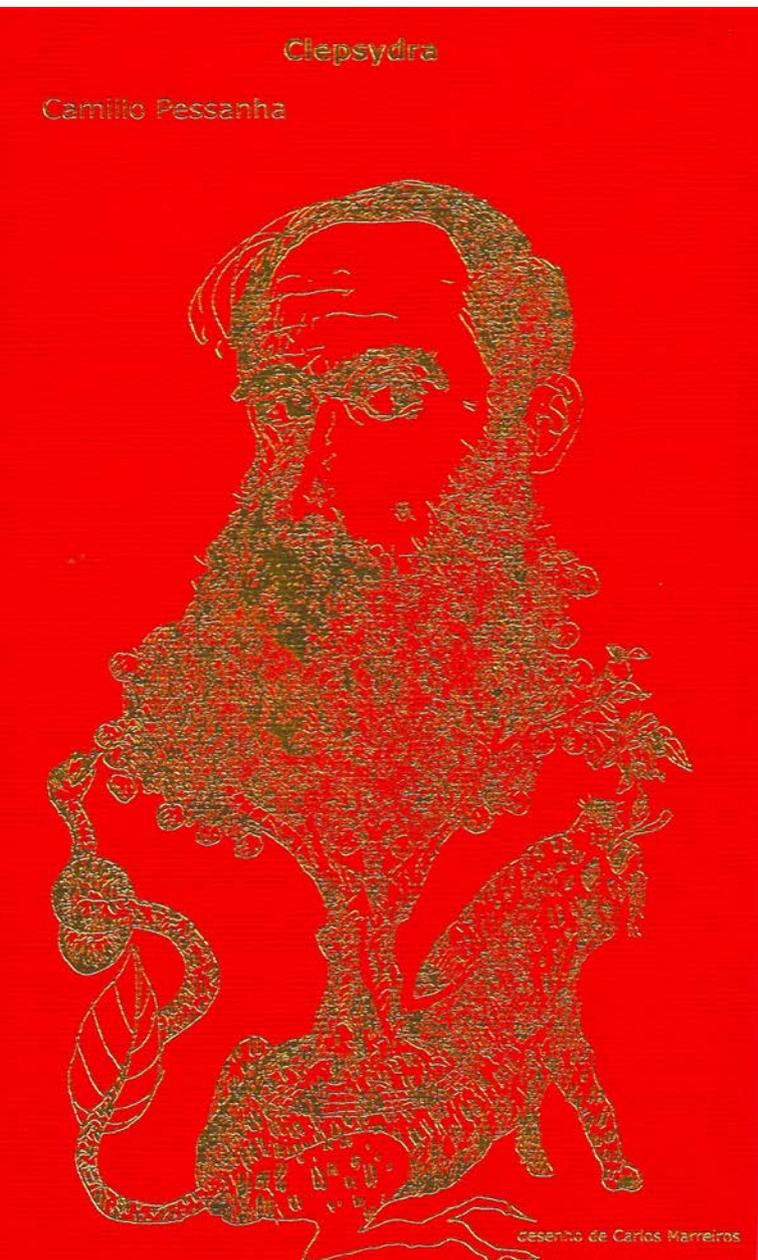
banda dentelada de sanguinho com três flores-de-lis do campo [lírio] a prata, timbre sobre o escudo “sem elmo nem virol”, uma asa sanguinho, carregada de uma flor-de-lis, também em prata. De todo o modo, muito de acordo, no essencial, com a descrição dos chantres M. Severim de Faria e Fr. Manuel de Santo António. No entanto, Miguel Metelo de Seixas segue, em certa medida, a interpretação da descrição escrita, mais técnica, mais de acordo ao preceito heráldico, não deixando de notar que “as armas destes Pessanha, verdadeiramente belas na sua simplicidade hierática, de significado impenetrável... dimensão simbólica ou mesmo esotérica”.

Apesar da ‘bastardia social’ subjacente, Camilo Pessanha tinha consciência e valorizava a sua condição

fidal, que remonta à linhagem pretérita de um Almirante genovês. Em carta a seu primo José Benedito, dá conta disso mesmo — “eu tenho tão intensa como tu a devoção do passado, das almas mortas, de todas as coisas mortas e abandonadas”.

Como nota igualmente o historiador: “o olhar de Camilo era irresistivelmente atraído pelas imagens emblemáticas”. Neste “brasão imaginário”, o poeta acolhe em meu entender o fascínio pela iconografia chinesa, patente no facto de ter escolhido para carimbo de biblioteca [seu *ex-libris*] a forma quadrangular, talhado a oco, na opção de tinta vermelha. Os caracteres são em chinês arcaico, dispostos em três colunas verticais — compostas por três ideogramas cada, significando respectivamente, conforme transcrição

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Lai-si – trinta envelopes, ou o ritual da dávida dos poemas de Cleysydra – Camillo Pessanha. O desenho, visão onírica do Poeta no traço de Carlos Marreiros.

de Danilo Barreiros, “Selo da antiga biblioteca”, “Ramos entrelaçados de ameixoeira” e “Pui-Sane-Ngá” [expressão romanizada do cantonense para o nome Pessanha].

No mais simples dos textos, a sua verve semântica não deixa de fazer eclodir, na escrita, uma ou outra referência de valor ícono-emblemática: “Macau é o mais remoto padrão da estupenda actividade portuguesa

no Oriente nesses tempos gloriosos. Note-se que digo “padrão”, padrão vivo: não digo relíquia. Há com efeito, padrões mortos...”.

Outro aspecto imagético a considerar, embora se desconheça se a companheira Kuoc Ngan Yeng, assim identificada, era nome próprio, ou se Ngan Yeng seria uma construção simbólica de Camilo Pessanha para “Águia de Prata”. De todo o modo, é certo que Pessanha lhe atribuía destacado valor simbólico e afectivo — Ngan Yeng, a última companheira com quem Pessanha estabeleceu uma relação mais próxima, era quem lhe preparava e servia o ópio. Com ela viveria até à morte, deixando-lhe testamento, em detrimento do seu filho, a maior parte dos seus bens.

É assim, provavelmente por fundadas analogias, que nos remetem e colhem no armorial dos Pessanhas, constituído no timbre [sem elmo] por asa sanguinho e sobre ela uma flor-de-lis do campo sobre prata, mera coincidência? Por outro lado, a ‘Águia’ assume no cânone heráldico, uma importância transversal, por ser considerada um animal solar e celestial, símbolo universal do poder, da força, da autoridade, da vitória e da protecção espiritual. Para os chineses, a águia simboliza a coragem, a força e a temeridade, cuja sua função é guiar nas ocasiões de iniciação e transição, fazendo dela a ave mediadora entre os reinos do divino e do espiritual.

Camilo Pessanha, mais do que um simbolista ‘para além do tempo fora do tempo’, era afinal, um *imagestista* versátil, alquímico. Tudo é profundamente emblemático, cromático, e nesse sentido, todo o seu discurso, consubstancia e assenta na condição de “imagens agentes”, imagens activas.

“Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?”

A este propósito, diz-nos Herberto Helder: “O extremo poder dos símbolos reside em que eles, além de concentrarem maior energia que o espectáculo difuso do acontecimento real, possuem a força expansiva suficiente para captar tão vasto espaço da realidade que a significação a extrair deles ganha a riqueza múltipla e multiplicadora da ambiguidade. Mover-se nos terrenos dos símbolos, com a devida atenção à subtileza e a certo rigor que pertence à imaginação de qualidade alta, é o que distingue o grande intérprete do pequeno movimentador de correntes de ar.”⁵



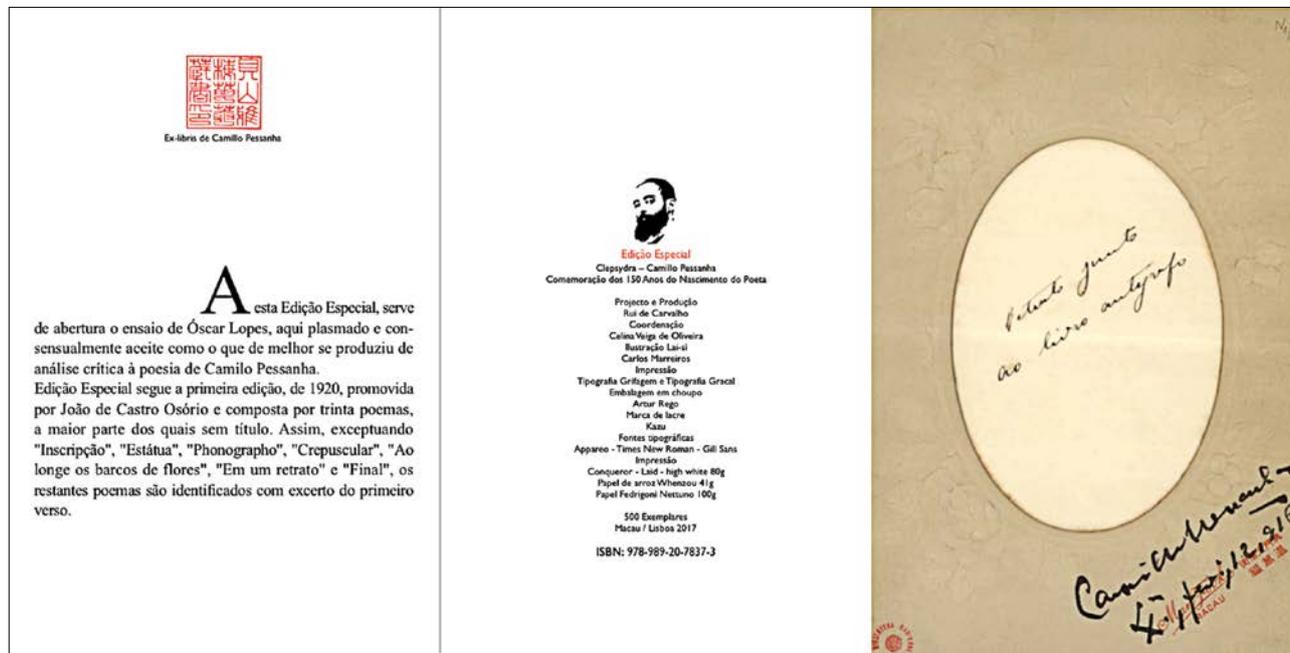
Edição especial de Clepsydra lançada por ocasião da Comemoração dos 150 anos do nascimento do poeta. Projecto e produção: Rui de Carvalho. Coordenação: Celina Veiga de Oliveira. Macau / Lisboa 2017

Nada escapa ou resiste a este Poeta e ao seu olhar pensante, acutilante. Ao inseparável companheiro, o seu cão, reservou-lhe o nome Arminho, que em tudo colhe semelhanças com as características físicas do animal predador arminho [cabeça pequena e triangular, com orelhas arredondadas e bigodes compridos, no Inverno muda a pelagem, tornando-a mais espessa e completamente branca, mantendo a ponta da cauda, sempre, de cor negra], tudo levando a supor que o nome colhe sentido, na marca heráldica-arminho, cuja pele era

vista como um símbolo de realeza, em que os monarcas apareciam representados com mantos de arminho. Na Europa medieval e renascentista, as representações alegóricas — *Antes a morte que a desonra*, numa alusão à suposta preferência do animal pela morte, quando se deparasse com a possibilidade de sujar a sua pelagem — eram vistas como símbolo de pureza, confirmando-o um dos célebres quadros de Leonardo da Vinci.

Recentemente, Paulo Franchetti aludia ao facto particular de que muitos dos registos fotográficos de

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Pessanha não serem fruto do acaso ou das circunstâncias. Seriam, então, encenações, actos performativos, justificando que, “naquele tempo, a fotografia requeria a mobilização e deslocação de equipamentos e recursos técnicos, nem sempre fáceis e disponíveis”. Este pertinente reparo, vem abrir, assim julgo, uma outra linha de análise e um estudo mais incisivo, sobre a *Poesis* [não necessariamente a da forma literária] de Camilo Pessanha, que se quer sempre renovada.

É certo que não existia em Camilo Pessanha a mais pequena ideia ou vontade de compilação da sua poesia e muito menos em forma de livro. O título *Clepsydra*, com que se dá ao prelo o trabalho concretizado por terceiros, é, enfim, o seu poema absoluto. Obviamente, que a palavra de há muito fazia parte do seu léxico semântico. No entanto, é

em Cantão que vê pela primeira vez este mecanismo do tempo no tempo, lento, gota a gota, instrumento poético por excelência — na Grécia Antiga, media a duração de um discurso de defesa — símbolo inscrito, e conceito de mediação de sensações e intensidades poéticas.

De entre epítáfios e mimos: preguiçoso, indolente, abúlico, com que alguns lhe foram tatuando o perfil, Camilo Pessanha — talvez fosse, apenas “a crise do desejo” [Roland Bhartes]— que abraçou Tao, converteu-se à inacção [enquanto ausência de ambição estimulada]⁶ e em gargalhadas mudas, despediu-se, da forma que sempre fazia aos amigos...

Et je m'en vais
Au vent mauvais... **RC**

NOTAS

- 1 Nota iconográfica, inserta na Edição Especial. *Clepsydra* — Camilo Pessanha. Lisboa: Comemoração dos 150 anos do Nascimento do Poeta, 2017.
- 2 Leonardo da Vinci “anotou num pedaço de papel o aforismo com que uma obra se velada se dirige a um potencial observador... inscreve-se entre as afirmações mais profundas que alguma vez foram proferidas acerca da força intrínseca das imagens.” Horst Bredekamp. *Teoria do Acto Icónico*, Lisboa: Imago, 2015.
- 3 Miguel Metelo de Seixas - “Interseções analógicas: poesia e heráldica em Camilo Pessanha”, *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), ano XVI, n.º 65, 2014, pp. 122-135.
- 4 Imagem original (a do lado direito).
- 5 Herberto Helder. *Photomaton & Vox*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1979.
- 6 João C. Reis. *Introdução à História da Literatura da China*, (Col Porta do Cerco). Macau: Mar Oceano Editora, 1990.